

A Edite ama-o. Mais adiante voltarei a falar disto. Quer-me parecer que ela não deveria ter-se relacionado sequer com esse inútil, com esse pobretanas. Há quem diga que ela mandou deputadas ou, como se costuma dizer, delegadas, à procura dele. Ele tem amiguinhas destas um pouco por todo o lado, mas isto nada tem a ver com elas e, sobretudo, nada tem a ver com aqueles famosos cem francos. Uma vez, por mera condescendência, por filantropia, ele deixou ficar cem mil marcos nas mãos de outra pessoa. Se se riem dele, ele ri-se também. Bastaria isso para nos dar que pensar. Nem sequer um único amigo tem. Durante «todo este tempo» que tem passado connosco, não consegui, para sua satisfação, que um único destes homens de aqui o apreciasse. Não será isto uma das mais crassas faltas de talento que se possa imaginar? Alguns há a quem, desde há muito, as suas maneiras delicadas atacam os «nervos». E essa pobre Edite gosta dele, e ele, entretanto, como o tempo está agora muito quente, vai à noite tomar um banho, por volta das nove e meia. Cá por mim pode fazê-lo à vontade, não é da minha conta, mas depois não se queixe. Ainda houve quem se esforçasse incrivelmente por o educar. Será que este peruano, ou seja lá ele o que for, acha que o pode fazer por si próprio? Então, o que há de novo? É desta forma que as raparigas do povo se dirigem a ele, e o cabeça-de-burro —

quanto a mim, é o que ele parece ser — acha encantadora essa forma de lhe perguntarem o que ele deseja. Elas tratam-no por todo o lado, desde há muito, como um perfeito caso perdido e ele ainda se sente contente com isso. Olham para ele com um ar de quem exclama: «Cá está outra vez este tipo impossível, para variar. Mas que grande maçador!» A ele diverte-o que o olhem com rudeza. Hoje choveu um pouco, e ela, então, ama-o. Apaixonou-se por ele à primeira vista, por assim dizer, mas ele não acreditou que isso fosse possível. E agora mais esse caso da viúva que morreu por culpa dele... Não deixaremos, sem dúvida, de voltar ao caso dessa mulher um tanto estranha, dona de uma loja numa rua das nossas. A nossa cidade assemelha-se a uma grande quinta em que as várias partes estão perfeitamente ligadas, formando um todo. Mas a respeito disto ainda haverá também muito mais a dizer. No entanto, irei ser moderado. Podem crer que lhes contarei apenas o que for decente. Tenho-me na conta, realmente, de um autor de uma certa distinção, o que é, talvez, uma completa insensatez da minha parte. Pode bem acontecer que me escapem algumas deselegâncias. O que se passou com esses cem francos, por conseguinte, é irrelevante. Como é possível ser-se tão terra-a-terra como este pateta-alegre incorrigível que permite que as raparigas, aquelas que usam belos aventais, lhe digam, quando ele lhes aparece: «Agora, só este é que me faltava!» É evidente que tais expressões hão-de causar-lhe um certo arrepio, mas ele esquece sempre tudo. Só um inútil como ele pode deixar que tanta coisa importante, bela e útil ao mesmo tempo lhe passe assim da cabeça. Nunca ter vitória é sinal de inutilidade. Uma vez, estava ele assim sentado num banco na mata. Quando foi isso? As senhoras da melhor sociedade julgam-no com mais indulgência. Será que o fazem por presentir nele um certo atrevimento? E não

é muito estranho que os directores lhe apertem a mão? A ele, um salteador?

A atitude de completa indiferença dos peões nas ruas irrita os automobilistas. Deixem ainda que lhes diga rapidamente isto: tenho nele um representante que não me obedece. Ele que passe muito bem, ele mais a sua atitude de arrogância. Vou, soberanamente, votá-lo ao esquecimento. Acontece, porém, que há um medíocre que teve sucesso junto da Edite. Em qualquer caso, ele usa um daqueles chapéus elegantes que dão um ar moderno a quem os põe. Eu também sou medíocre e gosto muito de o ser, mas o salteador sentado no banco da mata não era um medíocre ou então não lhe teria sido possível falar sozinho, em voz baixa, desta maneira: «Houve um tempo em que percorri as ruas de uma cidade luminosa na qualidade de caixeiro-viajante delirante de patriotismo. Se bem me lembro, fui, a mando da minha patroa, comprar um vidro de candeeiro ou qualquer coisa desse género. Andava, nessa altura, a tomar conta de um velho, e contei a uma rapariguinha o que andava a fazer antes de a ter encontrado. Agora, estou para aqui sem ocupação e disso, em boa justiça, assaco toda a responsabilidade ao estrangeiro. No estrangeiro recebi sempre as minhas mesadas em troca do compromisso de dar provas do meu talento. Em vez de o fazer na cultura, no domínio do espírito, etc., lancei-me na caça às diversões. E, certo dia, o meu patrono deu-me conhecimento da inconveniência que lhe parecia subjazer ao facto de ele estar, ainda por cima, a manter-me financeiramente. Fiquei quase mudo de espanto perante esta afirmação. Fui sentar-me à minha mesa, tão elegante, isto é, no sofá. A minha senhoria veio dar comigo desfeito em lágrimas. “Não te aflijas”, disse ela. “Se todas as noites me deliciares com um belo discurso, mando que te façam, na minha cozinha,

umas costeletas das mais suculentas. E não pagas nada por isso. Nem a todos a natureza confere o dom de ser útil. Tu és uma exceção.”» Estas palavras constituíram para mim uma possibilidade de continuar a minha existência sem ter de produzir nada. O comboio trouxe-me então até cá, para que a cara da Edite me causasse uma impressão terrível. A dor que ela me causa assemelha-se a um braço de balança, de onde pendem, baloiçando, as alegrias.» Era assim que ele falava consigo próprio, sob a ramagem das árvores, e, subitamente, pôs-se a correr para alcançar um pobre bêbedor, que logo escondeu a garrafa de aguardente debaixo do casaco. «Eh! Tu! Pára aí!», gritou ele. «Diz-me lá! Que segredo é esse que queres esconder aí dos teus contemporâneos?» O visado ficou imóvel como uma estátua, mas não deixou de sorrir. Observaram-se mutuamente e, depois, o pobre homem cedeu, abanando a cabeça e proferindo em voz baixa todo o tipo de considerações sobre o espírito da época. O salteador recolheu cuidadosamente todas essas considerações. Entretanto, a noite caíra e o nosso homem, conhecedor das imediações de Pontarlier, dirigiu-se para casa, onde chegou já bastante ensonado. Quanto à cidade de Pontarlier, ele soubera dela pela leitura de um livro muito famoso.¹ Há nela, entre outras coisas, uma fortaleza, onde se alojam confortavelmente, por algum tempo, um poeta e um general negro.² O nosso homem, leitor assíduo de francês, referiu ainda, antes de se instalar no seu ninho, ou antes, na sua cama: «Há muito tempo já, deveria eu ter-lhe restituído, a ela, aquela pulseira.»

¹ O autor alude aqui ao romance *Vermelho e Negro* de Stendhal, que decorre, parcialmente, nesta cidade do Jura francês, junto à fronteira com a Suíça.

² Parece tratar-se do poeta alemão Heinrich von Kleist (1777-1811) que, na Primavera de 1807, esteve detido no forte de Joux, nas proximidades de Pontarlier. Nesse mesmo forte tinha estado igualmente detido o General Toussaint Louverture, natural do Haiti, que faleceu em 1803.

Em quem estaria ele a pensar ao dizer aquilo? Estranho solilóquio aquele, a que nos referiremos ainda de novo, sem a menor dúvida. Era sempre ele próprio quem limpava os seus sapatos, todas as manhãs, às onze horas. Por volta das onze e meia, descia as escadas a correr. Ao almoço, costumava haver esparguete, é bem verdade, e ele comia-o sempre regaladamente. Por vezes, parecia-lhe estranho nunca se faltar de comer esparguete e achá-lo sempre saboroso. Ontem, colhi uma vergastinha. Imaginem: um autor passeia-se numa paisagem dominical, colhe uma vergastinha, acha que faz uma belíssima figura com ela na mão, come uma sanduíche de presunto e, enquanto come a sanduíche de presunto, presume que a empregada de mesa — que, de tão maravilhosa-mente esbelta, parece mesmo uma vergastinha — é a pessoa certa para ele dirigir a pergunta: «A menina quer dar-me uma pancadinha na mão com a minha vergastinha?» Confusa, ela recua perante o interpelante. Nunca, até então, lhe tinham pedido uma coisa daquelas. Fui para a cidade e toquei com a minha vergasta num estudante. Havia mais estudantes num café, sentados à sua mesa redonda de tertúlia. Aquele em que eu tocara olhou para mim como se olhasse para uma alma do outro mundo e todos os outros estudantes olharam para mim da mesma maneira. Era como se, subitamente, tivessem percebido que nunca, até então, haviam compreendido muita, muita coisa em geral. O que estou eu para aqui a dizer! Seja como for, todos eles, por razões de boa educação, fingiram que estavam muito espantados e o herói do meu romance, ou aquele que ainda o há-de ser, levanta a toalha de mesa até tapar a boca e põe-se a pensar em qualquer coisa. Ele tinha o hábito de pensar sempre em qualquer coisa, de cismar, por assim dizer, conquanto ninguém lhe desse nada por isso. De um tio, que viveu sempre em Batávia, recebeu ele uma certa importância. De quantos francos foi? Não sabemos bem que